

## **A ACESSIBILIDADE ESPACIAL SEGUNDO ALUNOS CADEIRANTES EM UMA ESCOLA DE ENSINO REGULAR**

**DISCHINGER, Marta (1); BINS ELY, Vera Helena Moro (2); BRANDÃO, Milena  
de Mesquita (3); LUZ, Greyce Kelly (4)**

(1), [martadischinger@gmail.com](mailto:martadischinger@gmail.com)

(2) [vera.binsely@gmail.com](mailto:vera.binsely@gmail.com)

(3), [milena.brandao@gmail.com](mailto:milena.brandao@gmail.com)

(4), [gkluzz@gmail.com](mailto:gkluzz@gmail.com)

Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Arquitetura e Urbanismo – Centro  
Tecnológico – Campus Universitário Trindade, CEP: 88040-900, (48) 3271 9393.

### **RESUMO (12 PTS NEGRITO)**

Quando se faz uma leitura espacial de um lugar tão complexo quanto uma escola é necessária a aproximação com os usuários deste local. Desta forma é possível conhecer suas ansias, suas reais necessidades e dificuldades com relação ao uso de seu espaço cotidiano. Durante o Projeto de Pesquisa e Extensão “Acessibilidade Espacial e Inclusão no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): Avaliação e Propostas de Projeto” utilizou-se o método dos “Passeios Acompanhados” (DISCHINGER, 2000) tentando abranger todas faixas etárias que ali estudam. Este método foi utilizado com o intuito de alcançar uma percepção espacial mais próxima a do usuário a partir de situações reais de uso do espaço, para assim poder avaliar suas condições concretas de acessibilidade espacial. Foram realizados dois passeios com estudantes cadeirantes (uma aluna da 7ª série do ensino fundamental e uma da 1ª série do ensino médio). Entre a 1ª. e 4ª. série do ensino fundamental apenas dois alunos da 1ª série apresentam deficiência. Como são casos de paralisia cerebral, e não falam, optou-se por observá-los em suas atividades e entrevistar seus pais e professores. Este artigo descreverá a aplicação deste método durante o projeto no Colégio de Aplicação da UFSC.

### **ABSTRACT (12 PTS NEGRITO)**

To understand a complex building like a school is necessary to approach its users. In such way is possible to know its anxieties, its real necessities and difficulties with reference to its place. During the Research and Extension Project “Acessibilidade Espacial e Inclusão no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): Avaliação e Propostas de Projeto”, we used the method of the “Accompanied Walks” (DISCHINGER, 2000), to get closer to students of all ages. In the school, there are two wheelchair users, one in the 7<sup>th</sup> grade of the Basic Education, and the other in the 1<sup>st</sup>. grade of Medium Education. The method was applied with both of their. The other two seven-year-old kids with disabilities, also wheelchair users, cannot speak, because of their situation. So, we preferred to watch them in their classes, and interview their parents and teachers. This article will describe the application of the method during this project in the Colégio de Aplicação.

### **1. INTRODUÇÃO**

Toda criança com deficiência tem o direito de frequentar o ensino regular, conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº. 9394. Segundo Kose (2004) em países como Estados Unidos e Inglaterra, as políticas de inclusão se mostram eficientes, uma vez que já são socialmente aceitas. O caso brasileiro pode ser comparado ao dos países asiáticos. Para Kose (2004), a grande lacuna entre o “real” e o “ideal” existente nestes países torna a implantação das leis menos efetivas.

No Brasil, segundo Dischinger *et al.*, (2004), a inclusão destas crianças no ensino só será efetiva se a escola for aberta às diferenças e se tiver como condição básica espaços arquitetônicos livres de barreiras físicas e de informação. Sabe-se que, na prática, a falta de acessibilidade espacial é uma realidade na maioria das escolas brasileiras, o que impede a plena integração das crianças com deficiência no ensino regular.

Para promover a inclusão dos estudantes, com ou sem deficiência, o corpo docente do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) firmou uma parceria com o Grupo PET-ARQ-UFSC, estabelecendo o Projeto de Pesquisa e Extensão: “Acessibilidade Espacial e Inclusão no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): Avaliação e Propostas de Projeto”.

O Colégio de Aplicação funciona em prédio próprio e está dividido em cinco blocos, que abrigam diversas formas, funções e tipologias. Possui um acesso principal que se dá por uma escada e um acesso secundário para veículos. Atualmente frequentam o Colégio de Aplicação dezessete alunos com diferentes deficiências, dentre elas: autismo, síndrome Down, surdez, paralisia cerebral, de membros inferiores e de membros superiores.

O projeto iniciou com uma avaliação das condições de acessibilidade espacial, segundo a Norma Brasileira de Acessibilidade (NBR 9050/2004), através da aplicação de Planilhas Técnicas de avaliação (DISCHINGER *et al.*, Outubro de 2006)<sup>1</sup>, elaboradas para utilização no programa de fiscalização de acessibilidade do Ministério Público Estadual de Santa Catarina (MP-SC) para avaliar os edifícios públicos estaduais.

Todavia, a avaliação de um espaço tão complexo como uma escola de Ensino Fundamental e Médio requer uma aproximação maior a seus usuários cotidianos. Segundo Froyen (2004), a participação do usuário já provou ser uma das ferramentas mais eficientes de avaliação: “*Nada sobre nós, sem nós*”. Este contato faz parte do direito dos usuários (FROYEN, 2004), e permite de maneira mais rápida, conhecer suas ansias, suas reais necessidades e dificuldades em relação ao uso do espaço e dos equipamentos que utilizam em seu dia a dia. A fim de complementar a fiscalização da escola com o auxílio das Planilhas Técnicas, utilizou-se o método dos Passeios Acompanhados (DISCHINGER, 2000).

Tentando abranger as diversas faixas etárias de alunos que estudam no Colégio de Aplicação, realizaram-se dois Passeios Acompanhados com estudantes cadeirantes (uma aluna da 7ª série do Ensino Fundamental e uma da 1ª série do Ensino Médio). Como as crianças com deficiência de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental possuem paralisia cerebral, e não falam, optou-se por apenas observar estes alunos em suas atividades na escola e entrevistar seus pais e professores. Ressalta-se que todos os passeios, assim como seu registro através de gravações, anotações e fotografias, foram autorizados pelos responsáveis pelos alunos (todos menores de idade).

## **2. PASSEIOS ACOMPANHADOS NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO**

O método dos Passeios Acompanhados<sup>2</sup>, desenvolvido por Dischinger (2000), busca uma percepção do espaço mais próxima à do usuário a partir de situações reais de uso dos espaços, com intuito de avaliar suas condições de acessibilidade espacial. A aplicação deste método consiste em escolher um entrevistado, relevante ao estudo, e determinar um percurso relevante ao estudo realizado. Os percursos devem possuir um ponto de partida e objetivos a alcançar. No decorrer do passeio, o interlocutor deve apenas acompanhar, mas não conduzir ou ajudar o entrevistado na realização das atividades. As conversas são gravadas e os pontos relevantes são transcritos. Os eventos significativos são fotografados e localizados em mapas sintéticos dos percursos. Dificilmente seria possível obter estas informações se apenas perguntássemos aos usuários sobre seus problemas, ou tentássemos nos imaginar como pessoas com deficiência, ou ainda simulássemos prováveis situações.

---

<sup>1</sup> As Planilhas Técnicas de avaliação da Acessibilidade Espacial foram desenvolvidas pela Profª Marta Dischinger, PhD Profª Dra. Vera Helena Bins Ely, e a mestranda Arq. Aíla Seguin Oliveira (PósARQ).

<sup>2</sup> Ver também Dischniger *et al.*, Abril de 2006.

## 2.1 Passeio Acompanhado com aluna de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental

A estudante R. foi convidada pela Direção da escola para participar do Passeio Acompanhado. R. frequenta a 7ª série do Ensino Fundamental. A estudante não possui ambas as pernas e se desloca com auxílio de uma cadeira de rodas.

A menina não se desloca pela escola de forma autônoma, sendo empurrada sempre pelos pais, pelo motorista do transporte escolar ou pelas colegas de turma. Este foi o primeiro impasse da equipe ao aplicar o método. Teoricamente, a equipe não deveria ajudá-la, mas devido às circunstâncias, R. foi empurrada por um dos pesquisadores<sup>3</sup>. De qualquer forma, esta situação mostra que as condições ou inexistência de pisos e rampas não dão segurança para a aluna se deslocar sozinha.

Como o objetivo principal do passeio era compreender como os estudantes com deficiência vêm a escola e quais as principais dificuldades que enfrentam, a decisão pelo percurso foi da própria R. Ela mostrou à equipe sua ida à sala de aula, bebedouro, armários, sanitário, biblioteca, bar, etc. Antes de iniciar o percurso, a estudante colocou que para ela o local onde ela encontra maior dificuldade é o bar (localizado no subsolo do Bloco B), *“Mais difícil de ir é no bar, tem que fazer muito esforço.”*

Rumo a sua sala de aula, no segundo pavimento do Bloco D, R. passa por passeios irregulares e subdimensionados, além de desníveis difíceis de serem ultrapassados. O primeiro grande obstáculo encontrado pela menina é a rampa que liga o primeiro ao segundo pavimento do Bloco D, a qual possui inclinação fora da Norma NBR 9050/2004, *“Minha aula é lá em cima, não consigo subir, tenho que pedir ajuda para os amigos.”* Como a circulação do segundo pavimento possui largura e pisos adequados, a estudante se desloca sem dificuldades até sua sala de aula. As portas também apresentam largura apropriada. Entretanto, nenhuma das salas de aula possui mesa apropriada para o uso com cadeira de rodas. Por ter bastante habilidade com os braços, R. facilmente se desloca de sua cadeira de rodas para a cadeira escolar, *“Sento na cadeira e deixo a cadeira de rodas do lado”*. É importante salientar que a inexistência de carteira própria para cadeirantes pode não atrapalhar R., mas talvez seja uma grande barreira para um outro futuro aluno cadeirante.

Nos corredores do Bloco D, estão locados diversos armários onde os estudantes guardam seus pertences. O armário de R. fica em uma altura inadequada, muito alta. Assim, a estudante precisa ficar em pé, em sua cadeira, para alcançar o armário. O mesmo ocorre com o bebedouro, que possui apenas uma altura. Quando os pesquisadores perguntam como ela toma água, a menina responde *“Normal. Fico em pé do mesmo jeito.”*

R. participa das aulas nos Laboratórios de Ciências e de Matemática, que ocorrem no térreo do Bloco C, bem ao lado do Bloco D. Com auxílio dos pesquisadores, a menina desce a grande rampa do Bloco D. A porta de entrada do Bloco C possui uma rampa com inclinação inadequada que termina em um degrau, *“Essa é mais complicada, tenho que fazer um pouco de esforço”*, diz a cadeirante, mostrando a manobra arriscada que faz, de maneira independente, para vencer o degrau. *“É complicado. Entro de costas por causa do desnível.”* Vencendo a entrada, a menina não passa por mais nenhuma restrição imposta pelo espaço: o corredor, as portas e os laboratórios possuem dimensões adequadas.

Como todos os alunos da escola, R. frequenta a Biblioteca, localizada no Bloco B. A menina, novamente, precisa de ajuda para percorrer o caminho que liga o Bloco B ao C (passando em frente ao Bloco E). Este caminho não apresenta degraus, entretanto acompanha o terreno acidentado, o que gera inclinações difíceis de serem vencidas. Ao chegar no Bloco B, a estudante não encontra dificuldades.

A entrada da Biblioteca não permite que R. entre com autonomia: a porta é muito pesada e um funcionário remove, prontamente, uma mesa, para que ela possa passar, uma vez que a passagem é feita a partir de uma catraca. A menina percorre com facilidade entre as estantes, e por ter habilidade de ficar em pé em sua cadeira de rodas, alcança a todas as prateleiras. Vale ressaltar, que outra criança cadeirante pode não possuir esta habilidade, sendo necessário deslocar os livros para prateleiras mais baixas. Para consultar o acervo, no computador, a garota se desloca para a cadeira existente, da mesma maneira que faz na sala de aula.

---

<sup>3</sup> Participaram do passeio acompanhado o então bolsista PET/SESu Marcos Vinícius Dias Guerreiro e o bolsista UFSC Jonatan Davi Camboim Bizerra.

O maior pesar de R. é não poder chegar ao bar sozinha. Este se localiza no subsolo do Bloco B, sendo necessário dar uma enorme volta e passar por uma rampa de inclinação acentuada para ali chegar.



Imagem 01 - Desnível no bloco D



Imagem 02 - Entrada da biblioteca



Imagem 03 - Acesso ao bar

## 2.2 Passeio Acompanhado com aluna de Ensino Médio

A estudante M. possui 17 anos e frequenta a 1ª série do Ensino Médio, tendo sido indicada pela própria direção da escola para participar deste Passeio Acompanhado. M. locomove-se com uma cadeira de rodas motorizada, a qual utiliza há cerca de dois anos. Esta cadeira deu muita autonomia à adolescente, que vai à escola sozinha, desde sua casa, localizada próxima ao Hospital Universitário (HU). Assim, como R., M. definiu seu próprio percurso.

Como a menina vem sozinha, optou-se por iniciar o Passeio Acompanhado na frente da escola. A estudante consegue vencer o terreno acidentado de maneira autônoma pela entrada de carros por possuir cadeira motorizada. Entretanto, o trilho do portão é um de seus primeiros empecilhos. E muitas vezes a menina se encontra em situações de risco: *“é aqui às vezes tranca.”*, diz ela.

A aluna participa das aulas nos laboratórios, no térreo do Bloco C, no entanto a situação é precária, *“não tem rampa, não tem nada”*, diz a cadeirante, que se lamenta do desnível existente na porta de acesso a esse bloco.

A rampa que liga o primeiro ao segundo pavimento do Bloco D, na qual se configurava para os pesquisadores um elemento que era o obstáculo mais significativo, para a menina, é vencido sem maiores problemas, *“No início eu tinha medo de subir, porque não tava acostumada, mas agora é tranquilo.”* Vale salientar, no entanto, que a facilidade de vencer essa barreira se dá pela utilização da cadeira motorizada. Conta a estudante que com a cadeira de rodas comum o mesmo não era possível.

M. se desloca sem dificuldades até sua sala de aula. A porta possui dimensões adequadas e a estudante pode entrar sem nenhum problema. Durante as aulas, o auxílio da professora é imprescindível para a menina, já que é necessário deslocar a cadeira para o lado, sendo que dessa forma, M. pode se acomodar na carteira e apoiar seu material na cadeira que fica ao lado, *“pego a cadeira para apoiar a minha mochila.”*

A estudante afirma que as cadeiras do fundo da sala de aula não são possíveis de serem utilizadas, uma vez que não existem carteiras escolares e espaço entre elas acessível.

Algumas questões ergonômicas foram questionadas pelos pesquisadores, tais como altura, comprimento, largura e acomodação dos instrumentos de trabalho. Se por um lado a altura da carteira não era problema, *“Não faz diferença não, só tem que ser larga pra cabe a cadeira.”*, a largura e a presença de um local apropriado para acomodação de instrumentos é um fator relevante. *“Não, eu não gosto, porque escorrega o lápis, escorrega borracha.”*, refere-se à mesa de estudos.

M. confessa que ao deixar a sala para o intervalo, a situação é mais complicada, pois precisa da ajuda de colegas de turma para retirar a cadeira que fica ao lado da sua, apoiando seu material. Afirma também que nessa circunstância, devido à falta de espaço, acaba esbarrando em muitos colegas, *“Eu vivo batendo nos outros com isso, ai meu Deus!”*, situação que nem sempre é bem vista por eles. Os colegas sentem-se incomodados.

M. utiliza com frequência o banheiro do mesmo bloco e, segundo ela, a porta possui dimensões adequadas. No entanto, para utilizar o espaço e os equipamentos a menina passa por muitos constrangimentos. Verificou-se que um armário localizado próxima à entrada prejudica seu deslocamento pelo espaço, “É, às vezes é ruim porque bate.”. Quanto à utilização da pia, a menina não se queixou, já que há vão adequado para acomodação da cadeira de roda.

Para utilizar o sanitário adaptado, a estudante precisa realizar algumas manobras: empurrar a porta de correr, que na visão da menina ainda possui um vão estreito. “Podia ser um pouquinho mais largo. Podia ser uma outra porta” diz ao mesmo tempo em que ressalta a força que necessita fazer para abri-la. A cadeirante conta aos pesquisadores como se transfere até o sanitário, “Ai eu pego tiro o pézinho, né? (referindo-se a retirada do pé da cadeira), levanto, sento [...]”. Afirma que não consegue colocar a cadeira do lado do vaso sanitário, pois sempre há uma cadeira de plástico que fica dentro desse sanitário, “Ai a porta tem que ser aberta infelizmente [...], porque daí pra eu consegui empurrar a cadeira pra traz e trazer ela aqui ó, aí não dá.”, explica a estudante. “Pois é, eu não gosto muito de ir no banheiro aqui no colégio porque complica tudo [...] quando eu tô muito apurada eu saio no meio de uma aula, porque o banheiro fica vazio.”, relata a garota em relação ao incômodo de deixar a porta aberta. E completa, “E quando o banheiro tá entupido é um trabalho. Lá embaixo, não tem nenhum banheiro pra deficiente, só banheiro normal desses aqui.”. Em conversa com a direção, os pesquisadores obtiveram a informação que este sanitário realmente é um caso precário, uma vez que os funcionários do colégio costumam utilizá-lo como depósito de material de limpeza.

O bebedouro, em apenas uma altura, não é utilizado pela estudante: “Eu não tomo água, porque não dá...”, afirma a menina que já traz a água em uma garrafinha de casa, pela impossibilidade de alcançar o bebedouro: “Quando acaba a garrafinha eu só tomo água em casa”.

A porta de entrada do Bloco C possui um desnível significativo que faz com que a estudante precise entrar de costas, como a outra cadeirante. “É bem complicado.”, afirma M.

No caminho para o Bloco B, pelo passeio aos fundos do colégio, os pisos apresentam-se irregulares e desgastados, “Quando eu tô com pressa também, subo aqui sem querer, daí a roda fura.”. A estudante conta alguns constrangimentos que passa até chegar ao Bloco B, no pátio central coberto, também chamado de galpão, “é meio complicado subir. Tem que pedir ajuda, ou então me tira da cadeira”. E ainda completa: “tem um degrau gigante”.

Ao se deslocar para a biblioteca, a menina relata do desconforto que sente por esta possuir uma catraca bem na entrada. Relata que sempre que a utiliza existe a necessidade do bibliotecário de afastar a mesa para o lado para que M. possa entrar e se deslocar com segurança, sem que nada a impeça.

A estudante volta pelo mesmo caminho se deslocando para o Bloco A, “Eu dou essa volta gigante pra chegar lá na frente. Porque eu não gosto desse caminho. A roda fica emperrada ali”, referindo-se ao caminho mais curto que passa pela lanchonete e ao caminho que contorna pela frente o Bloco A. Ressalta que as dimensões do passeio não é adequada, muitas vezes a cadeira de rodas está no limite desse espaço e que ainda possui grandes dificuldades de se deslocar quando ocorre a mudança de piso.

Relata também que não encontra problemas para utilizar o Bloco A. A rampa da entrada para a direção, apesar de estar com uma inclinação elevada, não constitui uma dificuldade. Segundo M., algumas adaptações foram realizadas ao longo do colégio por sua necessidade. Uma delas é a rampa da porta secundária do Bloco A que dá acesso ao pátio coberto, no entanto, nessa a estudante enfrenta problemas mais significativos, uma vez que a inclinação é mais elevada e em dias de chuva fica escorregadia.

M. conta que frequenta a Educação Física e sempre que possível participa das aulas de handebol. Em relação a essas aulas, o colégio tem políticas de inclusão, o que permite sua participação em todas as atividades como qualquer outra criança.

Durante conversas informais, a estudante relatou outras dificuldades causadas por barreiras atitudinais e físicas. M. tem uma irmã gêmea, que não tem nenhuma deficiência. A menina estuda em outro



colégio, uma construção com mais de cem anos, onde os desníveis do terreno e as inúmeras escadarias impossibilitam M. de estudar com a irmã. Outro fator que a separa da irmã é o fato de que existem pouquíssimos ônibus adaptados, e seus pais não podem as levar a escola diariamente.

Um outro fato que marcou a vida da estudante foi a discriminação que sofreu quando estudou em um colégio militar. M. foi reprovada na disciplina de Educação Física, pois não participava dessas aulas, uma vez que os professores não permitiam sua participação por ser cadeirante. Esta situação fez com que a menina quase não se formasse com sua turma. A ausência de uma política de inclusão na escola humilhou a menina mais uma vez, no dia de sua formatura, onde não pôde entrar com seus colegas, e sim com os professores, “*porque iria atrasar o batalhão*”.

No Colégio de Aplicação alguns preconceitos continuam não mais da parte dos professores e da direção, mas dos colegas de turma. Durante a pesquisa na escola, verificou-se que as turmas de Ensino Fundamental aceitam as crianças com deficiência e fazem com que estas tenham uma importância redobrada. As crianças estão livres dos preconceitos estabelecidos pela sociedade. Já nas turmas de Ensino Médio, os adolescentes vêem as pessoas com deficiências como pessoas diferentes e que não deveriam estar na mesma turma. Tanto ocorreu que M. precisou trocar de turma por “brincadeiras” de mau gosto dos colegas de turma, tanto em sala de aula, quanto pela *internet*, em sites de relacionamento.



**Imagem 04 - Difícil alcance dos equipamentos no banheiro**



**Imagem 05 - Altura elevada dos bebedouros**



**Imagem 06 - Manobras para se vencer os desníveis**

### **2.3 Observação de atividades de alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental e entrevistas informais com professores e pais**

A fim de conhecer melhor as dificuldades enfrentadas pelas crianças com deficiência das primeiras séries do Ensino Fundamental os bolsistas marcaram, por intermédio da Diretoria, um Passeio Acompanhado com G., aluno da 1ª série com paralisia cerebral, e sua mãe. Entretanto, como ambos os passeios realizados anteriormente já haviam contribuído muito ao projeto, uma vez que mapearam as principais dificuldades referentes ao deslocamento, e como o aluno não fala, optou-se por variar a forma de aplicação do método com o estudante e observá-lo durante a realização de suas atividades escolares.

A equipe acompanhou uma tarde de G. na escola. Neste dia, sua turma, na qual está presente também outro menino com paralisia cerebral (C.), estava ensaiando uma apresentação para a Festa Julina. A professora fez questão que ambos os meninos tivessem papéis importantes na encenação do boi-de-mamão, incentivando assim sua inclusão. Crianças entre 6 e 7 anos de idade não mostram qualquer tipo de preconceito em relação aos alunos com deficiência, pelo contrário, os meninos são benquistos, são o centro das atenções. Os estudantes disputam para empurrar a cadeira deles, para lhes dar demonstrações de carinho e afeto. O ensaio estava sendo realizado no galpão do Bloco B.

Ao término do ensaio, a professora decidiu levar a turma ao Pátio Coberto do Bloco D, onde aconteceria a apresentação no dia seguinte. Para sentir as dificuldades encontradas por quem quer que acompanhe o G., uma das pesquisadoras o conduziu até o pátio, pelos caminhos que circundam o Bloco C.

Os empecilhos foram inúmeros: os caminhos são estreitos, tortuosos e com diferentes inclinações ao longo do percurso. Requer muito cuidado e habilidade conduzir uma criança em sua cadeira de rodas. Por muitos instantes, a cadeira quase tombou, devido às irregularidades do piso.

O palco montado para a Festa Junina foi motivo de reclamação por parte da professora: sua estrutura não é estável, e o desnível entre ele e o piso é vencido por uma rampa inadequada. Nestas apresentações a professora sempre fica temerosa pela segurança dos alunos.

Para chegar ao Bloco A, onde ficam as salas de aula do Ensino Fundamental, foi um pouco mais fácil por ser mais plano. Mas pequenos desníveis, como degraus, são vencidos, também, por rampas íngremes e mal acabadas. Na sala, as crianças permaneceram até seus pais chegarem.

A mãe de G., P., quem geralmente o busca, conduziu as pesquisadoras até a entrada e relatou algumas de suas maiores dificuldades causadas pela ausência de acessibilidade espacial na escola, *“Normalmente eu entro com o carro e estaciono aqui, os guardas já sabem, às vezes quando estão por aqui já abrem pra mim o portão, aqui não vejo tanto problema. O problema que enfrento aqui vou te dizer o que é o acesso, ninguém respeita essa entrada aqui. Então, todo o dia é uma briga!”*, referindo-se ao portão de carros da escola. E completa, *“Porque acho que aqui tinha que ter uma marcação de preferencial, né? Sabe? Eu acho que isso era muito importante: sinalização e fiscalização também. Dos guardas, né?! Porque as pessoas simplesmente param aqui, e muitas vezes tem gente parada, mas dentro do carro, daí eu vou, peço ah, posso entrar e não sei o que, mas muitas vezes eles estacionam carro, largam o carro e vão. O que acontece? Geralmente tá cheio, no horário de sair, eu não tenho como entrar. Daí já me aconteceu várias vezes de ter que deixar o carro bem longe e ter que vim buscar o G. a pé, porque tem uma criatura estacionada bem aqui.”*

Quando o menino vai a escola com transporte escolar, as dificuldades enfrentadas, agora pela estagiária que o acompanha, são maiores. Isso ocorre porque o ônibus não entra na escola, e a inclinação a ser vencida é muito íngreme, e o piso bastante irregular, *“Esse piso realmente é complicado. Esse piso é ruim. [...]Então nessa chegada dele, é mais complicado, pois a kombi não sobe aqui, daí ela tem que ir até lá em baixo. Então esse tipo de piso pra mim não é problema, mas para ela é mais complicado. É tanto ruim por ser subida como é ruim o paralelepípedo.”*

A falta de acessibilidade espacial na escola faz com que outras mães, como é o caso da mãe do C. (o outro menino cadeirante do Ensino Fundamental), carreguem seus filhos no colo. Já P., está impossibilitada de fazê-lo, o que a faz sofrer mais ainda com as condições da escola, *“É, eu uso a cadeira, porque eu já estou com desvio de coluna, então eu preciso realmente me cuidar, me tratar, andar com a cadeira o máximo possível.”*. O que acaba facilitando o deslocamento de G. é o tamanho de sua cadeira: como ele possui boa sustentação, *“É, o G., ele sustenta legal, pra ele essa cadeira é boa*, diz P., não precisa de uma cadeira com muitos apoios, com muito suporte, pode utilizar uma cadeira simples e pequena. *“A cadeirinha dele é bem legal, bem leve né...eu tenho uma daquelas maiores também, foi uma das primeiras que comprei, mas essa fica em casa, mas depois que descobrir essa, essa pra escola é perfeita.”*



Imagem 07 - aluno com paralisia

Imagem 08 - Participação dos

Imagem 09 - Passeio com o

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenho universal e a acessibilidade espacial ainda são temas incipientes em nosso país e, conseqüentemente, apesar das conquistas legais e da reformulação da Norma Brasileira de Acessibilidade, NBR 9050/2004, ainda existem muitas lacunas e falhas. Assim para uma avaliação detalhada e mais precisa das condições de acessibilidade de ambientes edificados é necessário utilizar-se de métodos qualitativos que permitam a participação dos usuários destes locais. Estas pessoas que enfrentam dificuldades no uso diário dos espaços e equipamentos são fundamentais para complementar as avaliações técnicas realizadas a partir das normas e conhecimento teóricos sobre acessibilidade espacial.

A utilização do método dos Passeios Acompanhados aliado à aplicação das Planilhas Técnicas desenvolvidas pelo MP-SC em seu programa estadual de fiscalização permitiu então esta aproximação com os usuários e o conseqüente aprofundamento do estudo. Foi possível, assim, confirmar e estender a avaliação das condições de acessibilidade espacial na escola. Além de o método permitir avaliar a vivência dos espaços e a realização de atividades pelos usuários gerando dados concretos, ele ainda propicia a discussão de opiniões e sugestões para possíveis melhorias muitas vezes formuladas pelos próprios usuários. A experiência do usuário com deficiência é fundamental para proposições de projetos adequadas às suas necessidades, confirma Payling *et al* (2003).

Foram de suma importância a aproximação, interação e o conhecimento dos problemas enfrentados pelos estudantes com deficiência. Os passeios acompanhados, além de alimentarem o conhecimento técnico, serviram para sensibilizar os envolvidos no projeto em relação a pessoas que reivindicam por direitos igualitários. Sem dúvida a acessibilidade espacial é fundamental para a integração e participação das pessoas com deficiência na sociedade. O conhecimento adquirido habilita os pesquisadores para levarem em consideração, desde o momento da concepção de projetos, a diversidade humana. Também os instrumentaliza para efetivarem melhorias, intervenções e adaptações em outros espaços existentes.

Finalmente devemos enfatizar a necessidade de quebrar preconceitos sócio-culturais que causam a exclusão. Se atitudes de discriminação acontecem em uma escola preocupada com a inclusão, como o Colégio de Aplicação, também podem acontecer em outras escolas que não tenham esta consciência. É de suma importância disseminar políticas de inclusão principalmente entre os adolescentes e adultos, pois se observa que as crianças pequenas lidam com as diferenças com naturalidade. Espera-se que a nova geração, que convive com alunos com deficiência desde as primeiras séries do Ensino Fundamental, possa mudar este quadro e auxiliar a construir não só espaços mais acessíveis espacialmente, mas uma sociedade realmente inclusiva em seu sentido amplo.

### 4. BIBLIOGRAFIA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. 2 ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2004.

COHEN, Regina. DUARTE, Cristiane Rose. **Proposta de Metodologia de Avaliação da Acessibilidade aos Espaços de Ensino Fundamental**. São Paulo: Anais do Nutau – VI Workshop Brasileiro de Gestão do Processo de Projeto na Construção de Edifícios, 2006. ISBN: 85-89184-03-X

DISCHINGER, Marta. BINS ELY, Vera Helena Moro. MACHADO, Rosângela. DAUFENBACH, Karine. SOUZA, Thiago Romano Mondini de. PADARATZ, Rejane. ANTONINI, Camile. **Desenho Universal em Escolas: acessibilidade na rede escolar municipal de Florianópolis**. - Florianópolis: PRELO, 2004. 190p. :il.

DISCHINGER, Marta. **Designing for all senses: accessible spaces for visually impaired citizens**. Göteborg, Suécia, 2000. – Department of Space and Process, School of Architecture, Chalmers University of Technology.



DISCHINGER, Marta. LUZ, Greyce Kelly. BRANDÃO, Milena de Mesquita. BINS ELY, Vera Helena Moro. **A importância do desenvolvimento de métodos de avaliação de acessibilidade espacial – Estudo de Caso no Colégio de Aplicação – UFSC.** São Paulo: Anais do Nutau – VI Workshop Brasileiro de Gestão do Processo de Projeto na Construção de Edifícios, Outubro de 2006. ISBN: 85-89184-03-X

DISCHINGER, Marta. BRANDÃO, Milena de Mesquita. GUIMARÃES, Elom Alano. RIGO, Walmir. **Passeios Acompanhados – método investigativo de leitura e compreensão do espaço construído através da interface usuário-pesquisador.** Bauru: Anais do Ergodesign – 6º. Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano-Tecnologia: Produtos, Informação, Ambiente Construído, Transporte, Abril de 2006. ISBN: 85-99679-02-3.

FROYEN, H. et al, (2004) **A 'Universal Design' Mentality and Culture in Development:** Processes and dynamics in Europe. Designing for the 21st century III, Conference proceedings, Rio de Janeiro: 2004. Cdrom.

KOSE, S. (2004). **Japanese Experience toward Accessible and Usable Built Environment:** Lessons for the Developing Economies, Designing for the 21st century III, Conference proceedings, Rio de Janeiro: 2004. Cdrom.

PAYLING, Judith. ZEIN, Peter. ZEIN, Angela. Disability Unplugged. In: CLARKSON, John. COLEMAN, Roger. KEATES, Simeon. LEBBON, Cherie. (org). **Inclusive Design: Design for the whole population.** Springer, 2003. Disponível em: [http://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=aOphgkyFITgC&oi=fnd&pg=RA2-PA2&dq=roger+coleman+inclusive+design&ots=nE1FVmD0tw&sig=aa4KLxZLPkznEQ\\_-koXIIQq8R6k#PPP1,M1](http://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=aOphgkyFITgC&oi=fnd&pg=RA2-PA2&dq=roger+coleman+inclusive+design&ots=nE1FVmD0tw&sig=aa4KLxZLPkznEQ_-koXIIQq8R6k#PPP1,M1) Acesso em: 17 de maio de 2007.